



© Éditions La Découverte, Paris, 2017

© desta edição, Bazar do Tempo, 2020

[*Où atterrir? Comment s'orienter en politique*. Paris: La Découverte, 2017]

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei nº 9610 de 12.2.1998. É proibida a reprodução total ou parcial sem a expressa anuência da editora.

*Este livro foi revisado segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, em vigor no Brasil desde 2009.*

*Edição* Ana Cecilia Impellizieri Martins

*Coordenação editorial* Catarina Lins

*Tradução* Marcela Vieira

*Revisão técnica e posfácio* Alyne Costa

*Revisão* Rosemary Zuanetti

*Projeto gráfico* Angelo Bottino & Fernanda Mello

*Agradecimentos* Déborah Danowski, Eduardo Viveiros de Castro, Cécile Moscovitz, N-1 Edições

*Conversão para ePub* Cumbuca Studio

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

L383o

Latour, Bruno, 1947–

Onde aterrizar? / Bruno Latour ; tradução Marcela Vieira ; posfácio e revisão técnica Alyne Costa. – 1. ed. – Rio de Janeiro : Bazar do Tempo, 2020.

160 p. ;

Tradução de : *Où atterrir? comment s'orienter en politique*

e-ISBN 978-65-86719-20-8

1. Mudanças climáticas - Aspectos políticos. 2. Mudanças climáticas – Aspectos sociais. I. Vieira, Marcela. II. Costa, Alyne. III. Título.

20-64867 — CDD: 304.25 — CDU: 504:32

Camila Donis Hartmann – Bibliotecária – CRB-7/6472



**AMBASSADE  
DE FRANCE  
AU BRÉSIL**

*Liberté  
Égalité  
Fraternité*

Cet ouvrage, publié dans le cadre du Programme d'Aide à la Publication année 2020 Carlos Drummond de Andrade de l'Ambassade de France au Brésil, bénéficie du soutien du Ministère de l'Europe et des Affaires étrangères.

Este livro, publicado no âmbito do Programa de Apoio à Publicação ano 2020 Carlos Drummond de Andrade da Embaixada da França no Brasil, contou com o apoio do Ministério francês da Europa e das Relações Exteriores.



Rua General Dionísio, 53, Humaitá  
22271-050 – Rio de Janeiro – RJ  
contato@bazardotempo.com.br  
bazardotempo.com.br

- Imaginar gestos que barrem o retorno da produção pré-crise
- Aqui quem fala é da Terra  
Alyne Costa
- Índice de temas resumidos

We've read enough books.

*Jared Kushner*<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Ideia apresentada pelo genro de Donald Trump, citado por Sarah Vowell, *New York Times*, 9 ago 2017.

Este ensaio tem por objetivo aproveitar a ocasião da eleição de Donald Trump, em 8 de novembro de 2016, para aproximar três fenômenos que os comentaristas políticos já identificaram, ainda que nem sempre notem a relação entre os três, deixando por isso de perceber a imensa energia política que poderia ser extraída dessa aproximação.

No início dos anos 1990, logo após a “vitória contra o comunismo” simbolizada pela queda do muro de Berlim, no exato momento em que alguns pensaram que a história havia concluído seu curso,<sup>2</sup> uma outra história se iniciava sub-repticiamente.

Ela se caracteriza, antes de mais nada, por aquilo que chamamos de “desregulamentação”, e que confere um sentido cada vez mais pejorativo à palavra “globalização”. Mas ela marca também o início, de forma simultânea em todo o mundo, de uma violenta explosão das desigualdades. Por fim – e isso não é destacado com frequência –, é nessa época que se inicia a sistemática operação para a negação da existência da mutação<sup>3</sup> climática. (“Clima”, aqui, é tomado no sentido geral das relações dos humanos com suas condições materiais de existência.)

Este ensaio propõe abordar esses três fenômenos como sintomas de uma mesma situação histórica: tudo ocorre como se uma parte importante das classes dirigentes (que hoje, de modo um tanto vago, chamamos de “elites”) tivesse chegado à conclusão de que não há mais lugar suficiente na terra<sup>4</sup> para elas e para o resto de seus habitantes.

Em consequência, decidiram que era inútil fingir que a história continuaria conduzindo a um horizonte comum, em que “todos os homens” poderiam prosperar igualmente. Desde os anos 1980, as classes dirigentes não pretendem mais liderar, mas se refugiar fora do mundo. Dessa fuga, da qual Donald Trump é apenas um símbolo entre outros, somos nós que sofremos todas as consequências. A ausência de um *mundo comum* a compartilhar está nos enlouquecendo.

A hipótese é que não entenderemos nada dos posicionamentos políticos dos últimos cinquenta anos, se não reservarmos um lugar central à questão do clima e à sua denegação. Sem a consciência de que entramos em um Novo Regime Climático,<sup>5</sup> não podemos compreender nem a explosão das desigualdades, nem a amplitude das desregulações, nem a crítica da globalização e nem, sobretudo, o desejo desesperado de regressar às velhas proteções do Estado nacional – o que se costuma chamar, um tanto erroneamente, de “ascensão do populismo”.

Para resistir a essa perda de orientação comum, será preciso *aterrar*<sup>6</sup> em algum lugar. Daí a importância de saber *como se orientar*, e para isso traçar uma espécie de *mapa* das posições ditadas por essa nova paisagem na qual são redefinidos não apenas os *afetos* da vida pública, mas também as suas *bases*.

As reflexões que se seguem, escritas em estilo propositalmente brusco, buscam explorar a possibilidade de canalizar certas emoções políticas na direção de novos objetos.

O autor, não sendo nenhuma autoridade em ciências políticas, só pode oferecer aos leitores a oportunidade de refutar essa hipótese e procurar outras melhores.

## 2 —

Temos que agradecer aos apoiadores de Donald Trump por nos terem ajudado a esclarecer essas questões quando o pressionaram a anunciar, em 1º de junho de 2017, que os Estados Unidos sairiam do acordo de Paris sobre o clima.

Trump conseguiu fazer o que nem a militância de milhões de ecologistas, nem os alertas de milhões de cientistas, nem a ação de centenas de empresários das indústrias conseguiram, algo para o qual nem mesmo o papa Francisco foi capaz de chamar a atenção:<sup>7</sup> agora todos sabem que a questão climática está no centro de todos os problemas *geopolíticos* e que está diretamente ligada à questão das

injustiças e desigualdades.<sup>8</sup>

Ao se retirar do acordo, Trump acabou desencadeando, se não uma guerra mundial, ao menos uma guerra pela definição do teatro das operações:<sup>9</sup> “Nós, os americanos, não pertencemos à mesma terra que vocês. A de vocês pode estar ameaçada, mas a nossa nunca estará!”.

Com isso, ficam explicitadas as consequências políticas, militares e existenciais daquilo que George Bush (o pai) previu em 1992, no Rio de Janeiro:<sup>10</sup> “*Our way of life is not negotiable!*”. Pronto, ao menos as coisas estão às claras: não existe mais o ideal de mundo compartilhado por aquilo que até então chamávamos de “Ocidente”.

Primeiro acontecimento histórico: o Brexit. O país que havia inventado o espaço ilimitado do mercado tanto no mar quanto na terra, e que havia pressionado a União Europeia a se transformar em um enorme *shopping center*, é o mesmo país que, diante da chegada de dezenas de milhares de refugiados, decide de uma hora para outra não mais jogar o jogo da globalização. Em busca de um império há muito tempo extinto, o Reino Unido tenta se desvincular da Europa (pagando o preço de dificuldades cada vez mais complexas).<sup>11</sup>

Segundo acontecimento histórico: a eleição de Trump. O país que havia imposto violentamente ao mundo sua globalização tão particular e que havia definido a si mesmo por meio da emigração, eliminando seus primeiros habitantes, é o mesmo país que confia seu destino àquele que promete isolá-lo numa fortaleza, impedir a entrada de refugiados, negar socorro a qualquer causa que não se dê em solo próprio. E tudo isso ao mesmo tempo em que continua intervindo em toda parte com a costumeira inconveniência displicente.

Essa nova atração pelas fronteiras por parte dos que outrora haviam pregado seu sistemático desmantelamento já serve como indicativo do fim de um certo tipo de globalização. Dois dos maiores países do antigo “mundo livre” declaram aos demais: “Nossa história não tem mais nada a ver com a de vocês; vão para o inferno!”.

Terceiro acontecimento histórico: a retomada, a extensão, a amplificação das migrações. No exato momento em que todos os países

enfrentam as inúmeras ameaças da globalização, muitos precisam se organizar para acolher em seu solo os milhões de pessoas – alguns falam em dezenas de milhões!<sup>12</sup>–, que a ação acumulada das guerras, dos fracassos do desenvolvimento econômico e das mudanças climáticas irão atirar em busca de um território habitável para eles e para seus filhos.

Talvez se diga que o problema é antigo. Mas não, pois esses três fenômenos não passam de aspectos diferentes de uma única e mesma metamorfose: *a própria noção de solo está mudando*. O solo tão sonhado da globalização está desaparecendo. É essa a novidade daquilo que, um tanto timidamente, chamamos de “crise migratória”.

Se a angústia é tão profunda, é porque cada um de nós começa a sentir o solo ruindo sob os pés. Descobrimos, mais ou menos confusamente, que estamos todos migrando rumo a territórios a serem redescobertos e reocupados.

E isso devido a um quarto acontecimento histórico, o mais importante e o menos falado de todos: o dia 12 de dezembro de 2015, em Paris, no momento em que o acordo sobre o clima foi firmado, ao fim da conferência conhecida como COP21.

O que interessa para dimensionar o verdadeiro impacto deste episódio não é aquilo que os representantes dos países decidiram; tampouco que esse acordo seja ou não aplicado (os negacionistas farão de tudo para eviscerá-lo). O importante é que, nesse dia, todos os países signatários, ao mesmo tempo em que aplaudiam o sucesso do improvável acordo, davam-se conta, horrorizados, de que se todos avançassem conforme as previsões de seus respectivos planos de modernização, não existiria planeta compatível com suas expectativas de desenvolvimento.<sup>13</sup> Iriam precisar de vários planetas, e eles só têm um.

Ora, se não há planeta, terra, solo, território onde alojar o Globo da globalização em direção ao qual todos os países se dirigiam, então ninguém mais possui, como se costuma dizer, uma terra para chamar de sua.

Cada um de nós se encontra, então, diante da seguinte questão: “Devemos continuar alimentando grandes sonhos de evasão ou começamos a buscar um território que seja habitável para nós e nossos filhos?”.

Ou bem negamos a existência do problema ou então *tentamos aterrar*. A partir de agora, é isso que nos divide, muito mais do que saber se somos de direita ou de esquerda.

E isso vale tanto para os *antigos habitantes* dos países ricos quanto para seus *futuros habitantes*. Os primeiros, porque sabem que não existe planeta compatível com a globalização, e que precisarão mudar radicalmente seus modos de vida; os segundos, porque tiveram que deixar seu antigo solo devastado e aprender, eles também, a mudar por completo seus modos de vida.

Em outras palavras, a crise migratória se generalizou.

Aos migrantes vindos *de fora*, que cruzam as fronteiras correndo o risco de enormes tragédias para deixar seus países, juntam-se, a partir de agora, os migrantes *de dentro*, que, ainda que permaneçam no mesmo lugar, vivem o drama de se verem *abandonados por seus países*. O que torna a crise migratória tão difícil de entender é que ela é o sintoma, em maior ou menor grau de aflição, de uma provação comum a todos: a de se descobrir *privados de terra*.

Pois é essa provação que explica a relativa indiferença diante da urgência da situação, e também o fato de sermos todos *climato-quietistas*,<sup>14</sup> já que esperamos que “tudo acabe se resolvendo no final...” sem nada fazermos para isso. É impossível não nos preocuparmos com os efeitos que têm sobre nosso estado mental as notícias que ouvimos todos os dias acerca do estado do planeta. Como não nos sentirmos internamente devastados pela ansiedade de não sabermos responder a isso?

É essa inquietude ao mesmo tempo pessoal e coletiva que mostra a importância da eleição de Trump – episódio que, em outras circunstâncias, só seria concebível no roteiro de uma série de televisão bastante medíocre.

Os Estados Unidos tinham duas opções: ao perceber a dimensão da mutação e a imensidão de sua responsabilidade, poderiam enfim tornar-se realistas e conduzir o “mundo livre” para fora do abismo, ou poderiam mergulhar na negação. Aqueles que se escondem atrás de Trump decidiram iludir a América por mais alguns anos e retardar sua aterrissagem, empurrando os outros países para o abismo – talvez definitivamente.

### 3 —

Até pouco tempo atrás, a questão da aterrissagem não se colocava aos povos que haviam decidido “modernizar” o planeta. Ela só se impunha, e de modo muito doloroso, àqueles que, quatro séculos atrás, sofreram o impacto das “grandes descobertas”, dos impérios, da modernização, do desenvolvimento e, finalmente, da globalização. Eles sim sabem perfeitamente o que quer dizer estar privado de sua terra. Mais que isso, eles sabem muito bem o que significa ser expulso de sua terra. Com o tempo, não tiveram outra escolha a não ser se tornarem especialistas na tarefa de sobreviver à conquista, à exterminação, ao roubo de seu solo.

A grande novidade para os povos modernizadores de outrora é que a questão de aterrar agora se dirige a eles tanto quanto aos outros. Talvez de modo menos sangrento, menos brutal, menos nítido, mas também para eles se trata de um ataque extremamente violento para retirar o território daqueles que, até então, possuíam um solo – ainda que não raro tal solo tenha sido tomado de outros povos por meio de guerras de conquista.

Temos aí um sentido imprevisto para o termo “pós-colonial”, como se houvesse uma semelhança familiar entre dois sentimentos de perda: “Vocês perderam seu território? Nós o tomamos de vocês? Pois saibam que agora nós é que estamos em vias de perder o nosso...”. E então, estranhamente, no lugar de um senso de fraternidade que soaria indecente, surge uma espécie de novo vínculo que desloca o conflito clássico: “Como vocês fizeram para resistir e sobreviver? Também

seria legal aprender isso com vocês”.<sup>15</sup> A resposta imediata a essas perguntas, irônica, é dita em voz baixa: “*Welcome to the club!*”.

Em outras palavras, a impressão de vertigem, quase de pânico, que atravessa toda a política contemporânea deve-se ao fato de que o solo desaba sob os pés de todo mundo ao mesmo tempo, como se nos sentíssemos atacados por todos os lados em nossos hábitos e bens.

Você já reparou que não são as mesmas emoções despertadas quando se é instado a defender a natureza – você boceja de tédio – ou a defender seu território – você imediatamente se sente mobilizado?

Se a natureza se transformou em território, não faz mais sentido falar em “crise ecológica”, em “problemas de meio ambiente”, em questão de “biosfera” a ser recuperada, salva, protegida. O desafio é muito mais vital, mais existencial – e também muito mais compreensível, pois muito mais direto. Quando o tapete é tirado debaixo dos seus pés, você entende num segundo que terá de se preocupar com o assoalho...

O que está sendo tirado de nós diz respeito a nossos vínculos, nosso modo de vida; é uma questão de solo, da propriedade que desaba sob nossos passos, e essa preocupação atinge todos da mesma forma, tanto os antigos colonizadores quanto os antigos colonizados. Na verdade, não, ela apavora muito mais os antigos colonizadores, menos habituados a essa situação que os antigos colonizados. A única certeza é que todos estão diante de uma carência universal de espaço a compartilhar e de terra habitável.

Mas de onde vem tanto pânico? Do mesmo profundo sentimento de injustiça experimentado por aqueles que se viram privados de suas terras à época das conquistas, depois durante a colonização e, por fim, durante a era do “desenvolvimento”: uma força vinda de fora o despoja de seu território e você não pode detê-la. Se é isto a globalização, então compreendemos retrospectivamente por que resistir sempre foi a única solução, por que os colonizados sempre tiveram razão em se defender.

Esse é o novo modo de perceber a condição humana universal – uma universalidade completamente perversa (*a wicked universality*), é

verdade, mas a única da qual dispomos, uma vez que a precedente, a da globalização, parece desaparecer do horizonte. A nova universalidade consiste em sentir que o solo está em vias de ceder.

Isto já não deveria bastar para entrarmos num acordo e prevenirmos as futuras guerras pela apropriação do espaço? Provavelmente não, mas nossa única saída está em descobrirmos juntos qual território é habitável e com quem podemos compartilhá-lo.

A alternativa seria fingirmos que nada está acontecendo e, protegendo-nos atrás de uma muralha, prolongarmos o sonho do *American way of life*, do qual sabemos que, muito em breve, nove ou dez bilhões de humanos não poderão mais usufruir...

Migrações, explosão de desigualdades e Novo Regime Climático: trata-se da *mesma ameaça*. E por mais que a maior parte de nossos concidadãos subestime ou mesmo negue o que está acontecendo com a terra, eles compreendem perfeitamente que a questão dos imigrantes ameaça seus sonhos de uma identidade garantida.

Até o momento, tendo sido bem mobilizados e orientados pelos partidos ditos “populistas”, eles compreenderam a mutação ecológica em apenas uma de suas dimensões: ela obriga pessoas que não são consideradas bem-vindas a cruzarem as fronteiras, e por isso a resposta: “Ergamos fronteiras intransponíveis e impeçamos a invasão!”.

Mas é a outra dimensão dessa mesma mutação que eles ainda não compreenderam muito bem: o Novo Regime Climático vem há tempos varrendo todas as fronteiras e nos expondo aos quatro ventos, sem que haja meio de construirmos muros contra os invasores.

Se queremos defender o território a que pertencemos, precisamos *identificar* também essas migrações sem forma e sem nação que chamamos de clima, erosão, poluição, esgotamento de recursos, destruição dos habitats. Mesmo bloqueando as fronteiras aos refugiados humanos, nunca será possível impedir a passagem desses outros.

“Então quer dizer que mais ninguém está em sua própria casa?”

Exatamente. Nem a soberania dos Estados nem o bloqueio das fronteiras podem mais se fazer passar por política.

“Mas se tudo está aberto, precisaremos então viver do lado de fora, sem nenhuma proteção, à mercê de todos os ventos, misturados a toda a gente, brigando por qualquer motivo, sem mais garantia alguma, deslocando-nos permanentemente, perdendo toda identidade, todo conforto? Quem consegue viver assim?”

Ninguém, é verdade. Nem um pássaro, nem uma célula, nem um imigrante, nem um capitalista. Mesmo Diógenes tem direito a um barril; um nômade, à sua barraca; um refugiado, a seu asilo.

Nem por um segundo acredite naqueles que defendem a exploração da imensidão dos mares,<sup>16</sup> assumindo riscos, abandonando todas as proteções, e que seguem apontando para o horizonte infinito da modernização para todos. Esses “bons samaritanos” só correrão riscos, se o seu próprio conforto estiver garantido. Em vez de ouvir o que falam da boca para fora, perceba o que eles trazem nas costas: você verá reluzir o paraquedas dourado, cuidadosamente dobrado, que os protege contra todos os perigos da existência.

O direito mais elementar é o de sentir-se seguro e protegido, sobretudo num momento em que as antigas proteções estão desaparecendo.

É esse o sentido da história que deve ser descoberto: de que modo reconstituir as bordas, os invólucros, as proteções; como encontrar uma base sólida, considerando, ao mesmo tempo, o fim da globalização, a amplitude das migrações e os limites impostos à soberania dos Estados a partir de agora confrontados com as mudanças climáticas?

Mais que isso: como tranquilizar os que não veem outra salvação a não ser na lembrança de uma identidade nacional ou ética há pouco reinventada? Ainda, como organizar uma vida coletiva em torno desse tremendo desafio que é o de nos juntarmos a milhões de estrangeiros em busca de um solo duradouro?

A questão política que se impõe é a de como tranquilizar e abrigar

todas as pessoas que se veem obrigadas a partir, ao mesmo tempo em que as afastamos da falsa proteção das identidades e fronteiras estanques.

Mas como tranquilizar essas pessoas? Como tantos imigrantes podem se sentir protegidos sem o recurso imediato a uma identidade forjada em ideais como os de origem, de raça autóctone, de fronteira definitiva e de proteção contra todos os riscos?

Para fazê-lo, precisaríamos conseguir realizar dois movimentos complementares que a provação da modernização havia tornado contraditórios: de um lado, *vincular-se a um solo*; e de outro, *mundializar-se*. É verdade que, até agora, uma operação como esta parecia impossível: era preciso escolher entre um ou outro. Mas é esta aparente contradição que a história atual pode estar levando a um fim.

#### 4 —

O que, no fundo, se quer dizer quando se fala nos danos da globalização? Ela aparece como a fonte de todo o mal, aquilo contra o qual os “povos” subitamente se “revoltaram”, mediante um árduo esforço de “tomada de consciência” que teria, como se diz, “aberto seus olhos” para os excessos das “elites”.

É hora de prestar atenção nas palavras que usamos. Em “globalizar”, há uma boa dose de baboseira, sem dúvida, mas há também a palavra “globo”, assim como na *mundificação* de Donna Haraway<sup>17</sup> também há a palavra “mundo”: seria realmente uma pena se privar delas.

Há cinquenta anos, o que chamamos de “globalização” corresponde, de fato, a *dois fenômenos opostos* que são sistematicamente confundidos.

Passar de um ponto de vista local a um ponto de vista global ou mundial deveria significar uma *multiplicação* dos pontos de vista, o registro de um número maior de variedades, a consideração de um maior número de seres, de culturas, de fenômenos, de organismos e de pessoas.

No entanto, hoje parece que globalizar significa exatamente o contrário de tal multiplicação. O termo designa a ideia de que *uma única visão* – completamente provinciana, proposta por apenas algumas pessoas, representando um número ínfimo de interesses, limitada a alguns instrumentos de medida, a certos padrões e formulários – impôs-se a todos e se espalhou por toda parte. Não surpreende que ninguém mais saiba se devemos abraçar a globalização ou se devemos, ao contrário, lutar contra ela.

Se por globalizar entendemos a tarefa de *multiplicar* os pontos de vista para complexificar toda visão “provinciana” ou “fechada” adicionando novas variantes, esse é um combate que merece ser travado; mas se, ao contrário, trata-se de *reduzir* o número de alternativas para a existência e os caminhos do mundo, para o valor dos bens e os sentidos de “Globo”, é preciso resistir com todas as forças a tal simplificação.

No fim das contas, parece que quanto mais se globaliza, mais se tem a impressão de possuir uma visão limitada! Cada um de nós pode até aceitar deixar para trás seu pequeno pedaço de chão, mas de forma alguma para que outra visão limitada, proveniente de um lote de terra apenas mais distante, se imponha.

Distingamos, então, a seguir, a globalização-*mais* da globalização-*menos*.

O que torna complicado qualquer projeto de aterrar em algum lugar é que a ideia de uma globalização inevitável suscita, por tabela, a invenção do “reacionário”.

Há muito tempo, os defensores da globalização-*menos* acusam aqueles que resistem a seu avanço de arcaicos, atrasados, de pensarem unicamente em seu pequeno *terroir* e de quererem se proteger contra todos os riscos enclausurando-se em seus minúsculos lares! (Ah! O gosto pela imensidão dos mares próprio àqueles que encontram abrigo em qualquer lugar para onde suas *milhas* permitem voar...)

Foi para fazer aquele “povo reticente” se mover que os globalizadores colocaram sob eles a grande alavanca da modernização.

Por isso, há dois séculos, a flecha do tempo tornou possível distinguir, de um lado, os que vão na dianteira – os modernizadores, os progressistas – e, do outro, os que ficam para trás.

A mensagem contida no grito de guerra “Modernizem-se!” é só uma: toda resistência à globalização será imediatamente julgada como ilegítima. Não há nada a ser negociado com os que querem continuar atrás. Aqueles que se encontram do lado oposto do irreversível *front* de modernização serão desqualificados de antemão.<sup>18</sup> Eles não são apenas vencidos, são também irracionais. *Vae victis!*

É a defesa desse tipo de modernização que acaba definindo, por contraste, a preferência pelo local, o apego ao solo, a insistência num pertencimento às tradições, a atenção à terra. Tudo isso não mais como um conjunto de sentimentos legítimos, mas como a expressão de uma nostalgia por posições “arcaicas” e “obscurantistas”.

A exortação à globalização é tão ambígua que sua dubiedade contamina o que podemos esperar do local. É por isso que, desde o início da modernização, todo vínculo a qualquer tipo de solo tem sido considerado um sinal de retrocesso.

Contudo, assim como existem dois modos completamente diferentes de abordar a globalização, de registrar as variações do Globo, existem pelos menos dois modos, igualmente opostos, de definir a ligação com o local.

É por desconhecerem essa diferença que as elites que tanto se beneficiaram das globalizações (tanto a *mais* quanto a *menos*) têm tanta dificuldade de entender o que aflige aqueles que querem ser amparados, protegidos, assegurados, tranquilizados por sua província, por sua tradição, por seu solo ou identidade. Tais elites então acusam essas pessoas de terem se rendido ao canto da sereia do “populismo”.

Recusar a modernização talvez seja um reflexo do medo, uma falta de ambição, uma preguiça nata, sim; mas, como bem disse Karl Polanyi, a sociedade sempre tem razão em se defender contra ataques.<sup>19</sup> Recusar a modernização é também *resistir corajosamente*, recusando trocar sua província por outra – Wall Street, Pequim ou

Bruxelas – ainda mais estreita e, sobretudo, infinitamente distante; por consequência, muito mais indiferente aos interesses locais.

Será que é possível fazer os que seguem entusiasmados com a globalização-menos entenderem que é normal, que é justo, que é indispensável querer conservar, manter, garantir o pertencimento a uma terra, a um lugar, a um solo, a uma comunidade, a um espaço, a um meio, a um modo de vida, a uma profissão, a uma habilidade? Reconhecer esse pertencimento é justamente o que nos mantém capazes de registrar mais diferenças, mais pontos de vista e, sobretudo, de não reduzir sua quantidade.

Sim, os “reaças” se enganam a respeito das globalizações, mas os “progressistas” também se enganam sobre o que mantém os “reaças” presos a seus usos e costumes.

Consequentemente, devemos distinguir o local-*menos* do local-*mais*, assim como devemos distinguir a globalização-menos da globalização-mais. No fim das contas, a única coisa que interessa não é saber se a pessoa é contra ou a favor da globalização, contra ou a favor do local, mas sim entender se ela consegue registrar, manter, respeitar o maior número de possibilidades de pertencimento ao mundo.

Alguém poderia dizer que isso tudo é papo furado para criar divisões artificiais que mal disfarçam uma certa ideologia do sangue e do solo (*Blut und Boden*).

Fazer tal objeção, contudo, seria ignorar o imenso acontecimento cuja ocorrência ameaça o grande projeto da modernização: ele se tornou definitivamente impossível, pois não existe Terra com capacidade para abarcar seu ideal de progresso, de emancipação e de desenvolvimento. Como consequência disso, *todos os pertencimentos* estão sofrendo metamorfose – quer eles digam respeito ao globo, ao mundo, às províncias, aos *terroirs*, ao mercado mundial, aos solos ou às tradições.

É preciso se confrontar com o que é, ao pé da letra, um problema de dimensão, de escala e de habitação: o planeta é *estrito e limitado demais* para o globo da globalização. No entanto, ele é *grande demais* –

infinitamente grande –, ativo demais, complexo demais para permanecer dentro das fronteiras estreitas e limitadas de uma localidade qualquer. Estamos todos duplamente consternados: pelo grande demais e pelo pequeno demais.

E assim ninguém tem a resposta para a pergunta: como encontrar um solo habitável? Nem os defensores da globalização (tanto a -mais quanto a -menos) nem os defensores do local (tanto o -mais quanto o -menos). Nós não sabemos para onde ir, nem como viver, nem com quem coabitar. Como encontrar um lugar? Como nos orientar?

## 5 —

Algo de fato extraordinário deve ter se passado para que o ideal da globalização tenha mudado tão rapidamente de sinal. Para detectar o que aconteceu, convém desenvolver a hipótese de ciência política – ou, mais precisamente, de ficção política – anunciada na introdução.

Suponhamos que, desde os anos 1980, cada vez mais pessoas – ativistas, cientistas, artistas, economistas, intelectuais, partidos políticos – perceberam que as relações até então estáveis que a Terra mantinha com os humanos estavam sob ameaça.<sup>20</sup> Apesar das dificuldades, essa vanguarda conseguiu acumular evidências de que tal estabilidade não iria durar, e que a própria Terra acabaria revidando.

À época, todos sabiam que a questão dos limites se apresentaria mais cedo ou mais tarde; mas a decisão tomada (ao menos entre os modernos) foi a de ignorar solenemente o problema, motivados por uma forma muito estranha de desinibição.<sup>21</sup> Desse modo, poderiam muito bem seguir saqueando o solo, usando e abusando dele sem dar ouvidos aos profetas do infortúnio, já que o próprio solo permanecia relativamente quieto!

Porém, aos poucos, eis que *sob* o solo da propriedade privada, do monopólio das terras, da exploração dos territórios, *um outro solo*, uma outra terra, um outro território começou a se agitar, a tremer, a se comover. Uma espécie de terremoto, se preferir, com o seguinte recado

àqueles pioneiros: “Prestem atenção, nada será como antes; vocês pagarão caro pelo retorno da Terra, pela reviravolta dos poderes que até agora eram dóceis”.

E é aqui que entra em cena a hipótese de ficção política: essa ameaça, esse aviso teria sido muito bem compreendido por certas elites – elites menos esclarecidas, talvez, contudo donas de muitos recursos e grandes interesses, e, acima de tudo, extremamente empenhadas na proteção de sua imensa fortuna e na manutenção de seu bem-estar.

Devemos supor que essas elites entenderam perfeitamente bem o recado; mas tal evidência, que se tornara cada vez mais incontestável com o passar dos anos, não as fez concluir que caberia a elas pagar, e caro, pela reviravolta da Terra sobre si mesma. Elas seriam, assim, esclarecidas o suficiente para captar o recado, mas não para compartilhá-lo publicamente.

Ao invés disso, tais elites parecem ter chegado, a partir do aviso, a duas conclusões, que levaram à eleição do Ubu Rei para a Casa Branca: “Em primeiro lugar, sim, essa reviravolta vai custar bem caro, mas quem vai arcar com esse prejuízo *são os outros*, não nós; e, em segundo lugar, ainda que a verdade do Novo Regime Climático seja cada vez menos discutível, vamos negá-la até o fim”.

São essas duas decisões que permitem relacionar: 1) aquilo que, desde os anos 1980, chamamos de “desregulação” ou “desmantelamento do Estado-providência”; 2) aquilo que é conhecido desde os anos 2000 como “negacionismo climático”;<sup>22</sup> e sobretudo 3) a extensão vertiginosa das desigualdades que testemunhamos há quarenta anos.<sup>23</sup>

Se essa hipótese estiver correta, tudo isso faz parte de um mesmo fenômeno: as elites se convenceram tão bem de que não haveria vida futura para todos que decidiram *se livrar o mais rápido possível de todos os fardos da solidariedade* – isso explica a desregulação. Decidiram que seria preciso construir uma espécie de fortaleza dourada para os poucos que poderiam se safar – do que decorre a explosão das

desigualdades. E resolveram que, para dissimular o egoísmo sórdido de tal fuga para fora do mundo comum, seria preciso rejeitar absolutamente a ameaça que motivou essa fuga desesperada – o que explica a negação da mutação climática.

Aqui vale lembrar da metáfora clichê de *Titanic*: as classes dominantes percebem que o naufrágio é inevitável, apropriam-se dos botes salva-vidas e pedem que a orquestra toque durante um bom tempo canções de ninar, para que possam aproveitar a noite escura e dar o fora antes que a inclinação excessiva do navio chame a atenção das outras classes!<sup>24</sup>

Há um episódio elucidativo que, por seu turno, nada tem de metafórico: no início dos anos 1990, a companhia ExxonMobil, com pleno conhecimento de causa – ela já havia até publicado excelentes artigos científicos sobre os perigos da mudança climática –, decide investir pesadamente na extração frenética de petróleo e, ao mesmo tempo, na campanha igualmente frenética para negar a existência da ameaça.<sup>25</sup>

Essas pessoas – a quem daqui para frente chamaremos de elites obscurantistas – compreenderam que, para sobreviverem confortavelmente, *não precisavam mais fingir compartilhar a terra com o resto do mundo, nem mesmo como um sonho a perseguir*. Essa hipótese permitiria explicar como a globalização-mais se tornou a globalização-menos.

Enquanto até os anos 1990 ainda se podia associar o horizonte da modernização a noções de progresso, emancipação, riqueza, conforto, até mesmo de luxo, e, principalmente, de racionalidade (ao menos para os que dele se beneficiavam), a fúria da desregulação, a explosão das desigualdades e o abandono das solidariedades associaram-no gradativamente à noção de uma decisão arbitrária surgida do nada para beneficiar apenas alguns. O melhor dos mundos passou a ser o pior.

Do alto do convés, as classes inferiores, agora alertas, veem os botes se afastarem cada vez mais. A orquestra continua tocando *Plus près de*